



Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
Faculdade de Ciências da Educação E Saúde – FACES

LUANA RIBEIRO DE ALMEIDA DALLA CORTE

**O FUTEBOL FEMININO E O PRECONCEITO QUANTO AO GÊNERO
NO CONTEXTO ESCOLAR**

Brasília
2017

LUANA RIBEIRO DE ALMEIDA DALLA CORTE

**O FUTEBOL FEMININO E O PRECONCEITO QUANTO AO GÊNERO
NO CONTEXTO ESCOLAR**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciatura em Educação Física pela Faculdade de Ciências da Educação e Saúde Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Orientador: Dr. ARTHUR JOSÉ
MEDEIROS DE ALMEIDA.


Brasília
2017

ATA DE APROVAÇÃO


De acordo com o Projeto Político Pedagógico do **Curso de Educação Física do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB**, o (a) acadêmico (a) **LUANA RIBEIRO DE ALMEIDA DALLA CORTE** foi aprovado (a) junto à disciplina da licenciatura **Trabalho de Conclusão de Curso II**, com o trabalho intitulado **O FUTEBOL FEMININO E O PRECONCEITO DE GÊNERO QUANTO AO CONTEXTO ESCOLAR**



Prof. Dr. Arthur José Medeiros de Almeida
Presidente



Prof. Msc. Romulo de Abreu Custodio
Membro da Banca



Prof. Msc. Tácio Rodrigues da Silva Satos
Membro da Banca

Brasília, DF, 12 /06/ 2017

RESUMO

Introdução: A escola como um todo tem o objetivo de ajudar a formar cidadãos, o que significa que ela deve ser contra qualquer tipo de preconceito e deve contribuir para o respeito mútuo entre os alunos independente de qualquer fator. **Objetivo:** Dito isso, esse trabalho tem como objetivo demonstrar o preconceito quanto ao gênero no futebol praticado nas escolas do Brasil. **Materiais e Métodos:** Para chegar a tais conclusões foram feitas pesquisas em bases de dados, como Google Acadêmico e Scielo. **Revisão da literatura:** Primeiro foi analisada a história do esporte e, especificamente, do futebol. Posteriormente, foi discutida a participação das mulheres no futebol e, por fim o preconceito que as meninas sofrem historicamente ao praticarem futebol na escola. **Considerações Finais:** Pode-se concluir diante os estudos que esse preconceito é algo vindo muitas vezes desde a infância, passado dos pais para os filhos, que então levam isso para dentro do âmbito escolar.

Palavras-chave: Futebol. Gênero. Escola. História.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 MATERIAIS E MÉTODOS.....	7
3 REVISÃO DA LITERATURA.....	8
3.1 A História do Futebol.....	8
3.2 O preconceito de Gênero e a história do futebol feminino.....	9
3.3 Futebol Feminino e o Preconceito de Gênero na Escola.....	11
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	14
5 REFERÊNCIAS.....	15
ANEXO A – CARTA DE ACEITE DO ORIENTADOR.....	17
ANEXO B – CARTA DE DECLARAÇÃO DE AUTORIA.....	18
ANEXO C – FICHA DE AUTORIZAÇÃO DE APRESENTAÇÃO DE TCC.....	19
ANEXO D – FICHA DE RESPONSABILIDADE DE APRESENTAÇÃO DE TCC...20	
ANEXO E – FICHA DE AUTORIZAÇÃO DE ENTREGA DA VERSÃO FINAL DO TCC...21	
ANEXO F – AUTORIZAÇÃO.....	22

1 INTRODUÇÃO

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s de Educação Física apresenta o princípio da inclusão, mostrando que alunos normalmente com pouca habilidade, com deficiências, doenças e sobrepeso são excluídos das atividades. Nesse contexto, as mulheres eram vistas quase sempre como não habilidosas, logo eram excluídas das práticas. O princípio da inclusão nos mostra a importância da participação de todos os grupos, até porque se o aluno não tiver a oportunidade de jogar será muito mais difícil de se tornar habilidoso (DARIDO, 2001).

De acordo com os PCN’s, os conteúdos da Educação Física são danças, esportes, ginástica, lutas, brincadeiras e jogos. Os conteúdos devem ser trabalhados em diferentes dimensões, são elas conceitual, procedimental, e atitudinal. A parte conceitual é de conhecer as teorias, os conceitos, as informações, a procedimental a de vivenciar, fazer, praticar e a atitudinal dos valores e o respeito, sendo que todos os alunos devem aprender, fazendo com que todos participem desse cultura corporal do movimento (DARIDO, 2002).

O esporte é um dos conteúdos mais utilizados nas aulas de educação física, até mesmo por estar ligado diretamente a cultura do Brasil. Dentre os esportes, o futebol é o mais vivenciado no Brasil, pois faz parte da cultura brasileira, e é algo que já se popularizou, assim como o carnaval, por exemplo. O futebol é algo tão enraizado na nossa população que se torna o que a mídia quer transmitir, mas não só no Brasil, mas no mundo todo há um grande investimento nesse esporte (DAMO, 2006).

O Brasil é um país onde há muita desigualdades entre os gêneros, vivemos em uma sociedade onde o papel social do homem é mais valorizado do que o da mulher. Elas são vistas, por muitos, como inferiores, frágeis, e incapazes de fazer as mesmas coisas que eles, principalmente quando se envolvem aspectos físicos, assim como nos esportes. Padrões socioculturais reforçam esse tipo de comportamento. Desde cedo as crianças escutam de seus pais que meninos devem brincar com bola e meninas de boneca, o que acaba sendo disseminado por grande parte da sociedade. Pensamentos como estes, podem contribuir para o desinteresse por parte das meninas em relação à prática de esportes em geral. Cabe à escola e

aos professores mudarem esses valores e formar cidadãos de forma integral, ou seja considerando, os aspectos biológico, psicológico e social (JUNIOR, 2014).

É sabido que um dos esportes mais desiguais, no que se refere à prática feminina, é futebol. Esse esporte é considerado uma prática que requer muita força, agilidade e resistência, sendo assim é percebido pelas pessoas como algo masculinizado. Não só os aspectos fisiológicos são levados em consideração, mas também aspectos socioculturais, pois no nosso país temos a tradição de que as mulheres devem passar o dia em função da sua família e casa. Essa compreensão do papel feminino na sociedade afeta até mesmo no que diz respeito as mulheres praticarem qualquer tipo de atividade física, pois há pesquisas que mostram que elas dedicam seu tempo, muito mais para as atividades familiares do que os homens, logo eles tem mais tempo para atividades físicas (DARIDO, 2002).

Muitas vezes a escola, que deveria ser o lugar de onde deve ser trabalhado esse preconceito de gênero, contribui com esse contexto no qual se reforça que o futebol é uma prática exclusivamente masculina. No entanto, não percebe-se isso, pois grande parte dos professores dão as bolas de futebol para os meninos, e falam para as meninas irem brincar de queimada ou jogar vôlei. Isso dificulta o processo de entendimento das crianças em relação a percepção de igualdade entre os gêneros, pois eles são separados como se as meninas não fossem capazes de fazer as mesmas coisas que os meninos (FILHO, 2005). Dito isso, esse trabalho tem como objetivo demonstrar o preconceito quanto ao gênero no futebol praticado nas escolas do Brasil.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Esse trabalho de conclusão de curso foi realizado através de pesquisa bibliográfica que foi realizada nas bases de dados Google Acadêmico e Scielo, e foram usados também livros e trabalhos de conclusão de curso, caracterizando-se como uma revisão de literatura. É um trabalho exploratório com abordagem qualitativa. O tema da pesquisa é O futebol feminino nas escolas, nesse sentido foram selecionados 15 artigos, utilizando-se as expressões: futebol feminino, futebol e gênero, futebol feminino nas escolas, gêneros nas escolas.

3 REVISÃO DA LITERATURA

3.1 A História do Futebol

O futebol é um dos esportes mais praticados no mundo, por inúmeros fatores, entre eles, por ser um esporte de fácil acesso e barato de ser praticado, e também pela sua forma de disputa que gera um interesse muito grande entre os participantes. Não se sabe ao certo quando futebol surgiu de verdade, mas já havia relatos muito antigos de várias culturas que se divertiam com jogos com bolas, muito parecidos com o futebol de hoje, só que sem regras oficializadas. Sendo assim há muitas histórias sobre a sua origem (GONZALEZ, 2012).

Existem estudos que relatam vários jogos com bolas, que não eram ainda exatamente o futebol, mas que se aproximavam de certa forma deste por serem jogados com os pés. Um jogo chamado “Kemari” foi inventado na Ásia, por volta do ano de 644 dC. Ele era jogado por dois times compostos de oito pessoas de cada lado, e assim como no futebol eram jogados em campos, só que esses ao invés de serem retangulares como são os do futebol, eram quadrados e tinham apenas 14 metros. Eram utilizadas duas estacas de cada lado do campo que eram inseridas no chão, as bolas utilizadas eram enchidas com cabelo. O objetivo do jogo era fazer com que a bola não caísse, sempre sendo jogado com os pés e fazendo com o que a bola passasse entre as estacas (OLIVEIRA, 2008).

Já no país da Grécia, havia um jogo chamado “Epyskporos”, este já era jogado em campos retangulares, a composição das bolas era de bexiga de boi. Logo depois os Romanos criam um jogo denominado “harpastum”, onde utilizam bolas, metragens e regras que eram muito semelhantes ao “epyskporos”, porém mais violento. Na época da Idade Média a violência nos jogos continuou, também havia algo parecido com o futebol que temos hoje. Na França existia o jogo denominado de “Soule”, na Itália o “Calcio” e na Inglaterra com o “Football” (GONZALEZ, 2012).

No país da Inglaterra era jogado com pouca ou nenhuma regra e de forma muito violenta, não tinha sequer uma quantidade certa de jogadores que deveria ter em cada equipe. Com o passar do tempo isso foi sendo mudado e regras foram sendo criadas, isso se deu por volta de 1660. Assim começou-se a ter uma

quantidade de participantes pré-estabelecida, havia regras quanto a metragem dos campos, quanto ao tamanho das bolas. Nessa época foi criado o gol, que eram formados por dois postes de cada lado do campo, e assim como é hoje era válido um gol quando a bola ultrapassava entre os dois postes (OLIVEIRA, 2008).

O jogo foi moldado de forma com que as regras limitassem a violência, sendo bem parecidas com as de hoje em dia que são vivenciadas desde a época das escolas superiores e também da Corte. As regras definitivas do futebol que vieram para logo torna-lo um esporte e começaram a ser elaboradas por volta do ano de 1868, criando as figuras dos árbitros. No ano de 1891 surgiram novos parâmetros e regras, dentre elas o travessão, as redes, as dimensões dos gols, e também a utilização do apito a ser usado pelos árbitros. No ano de 1901, houve avanços de acordo com o tamanho padronizado dos campos, as dimensões que as bolas deveriam ter, a penalidade máxima ou pênalti, as delimitações das áreas, e a regra de que deveriam ter onze jogadores em cada time. Em 1904, foi fundada a FIFA - Federação Internacional de Futebol Associação, que é federação oficial do futebol em todo o mundo, fazendo com que as regras fossem universalizadas. Esta Federação organiza os maiores campeonatos existentes, assim como a copa do mundo, sendo a primeira realizada no ano de 1930, onde o país sede foi o Uruguai (GONZALEZ, 2012).

No Brasil o futebol somente chegou de fato com todas as suas regras ao país, no ano de 1894, trazido por Charles Miller, um brasileiro nascido no estado de São Paulo, filho de pais ingleses que foi junto com seus pais para a Inglaterra para estudar. Anos depois, quando retornou trouxe consigo uma bola de futebol e o conjunto de regras. No início, no Brasil, esse esporte só podia ser praticado por homens da elite, e não eram aceitos negros e mulheres na prática de futebol (MÁXIMO, 1999).

3.2 O preconceito de Gênero e a história do futebol feminino

Por volta do início do século XX houve muitas manifestações das mulheres perante os esportes e manifestações corporais, mas existia muita preocupação em manter aquela imagem feminina, portanto nem todos os tipos de atividades físicas

eram aconselhadas tentando manter ao máximo aquela visão da mulher feminina com fineza nos seus gestos, eram praticadas atividades onde não tinham contato com as jogadoras adversárias, e não prejudicando sua parte fisiológica e anatômica, como exemplo a ginástica e as danças, que eram muito utilizadas. Com isso é percebido que de uma forma cultural a mulher era sempre colocada com aquela que deve ser a mãe de família, sendo feminina e graciosa. Sendo assim o futebol uma “irregularidade de comportamento”, pois dava às mulheres mais probabilidades, além das dadas a elas de mulher do lar, que existia para servir ao marido e filhos, e direcionada normalmente ao meio doméstico, já demonstrando em si todo esse preconceito quanto gênero feminino (SALVINI, 2013).

No ano de 1941 foi estabelecido um Decreto-Lei 3.199, e no artigo de número 54 foi colocado “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”. No ano de 1965 foi tomada a decisão nº 7 que deliberavam normas para a presença do público feminino nas práticas esportivas, sendo terminantemente proibida a participação delas no halterofilismo, baseball, futebol, futebol de praia, qualquer tipo de lutas, pólo, e futsal. Apenas no ano de 1979 que esse decreto veio a ser revogado (LESSA, 2005).

Assim como futebol em si teve várias vertentes de seu início o futebol feminino no Brasil também tem, pois existem registros de jogos acontecidos nas praias do Leblon por volta do ano de 1975 e por ser jogado por domésticas e elas trabalharem o dia todo, esses jogos aconteciam já no período noturno. Mas há também uma história de que por volta do final dos anos 70 já estavam acontecendo partidas entre o público feminino preparadas por algumas casas noturnas gays (DARIDO, 2002).

Portanto, foi apenas no início da década de 80 que realmente o futebol feminino passou a ser um esporte institucional e mais popular, até mesmo pelo fim do Decreto-Lei 3.199. No ano de 1981 foi criado o primeiro grupo de futebol feminino do Rio de Janeiro, e logo em seguida sendo criados vários campeonatos, e depois veio um dos melhores times de futebol feminino que já se ouviu falar, o Radar, que ganhou vários títulos, entre eles nacionais e internacionais que no ano de 1982

ganhou o Women's Cup of Spain, uma conquista que fez com que no ano de 1987 aparecessem vários outros novos times. No ano de 1988 foi caracterizado pela decaída do Radar, e junto também a do futebol feminino com um todo. E então no ano de 1991 foi quando voltaram a procurar novamente a modalidade para a disputa do mundial na China (DARIDO, 2002).

É importante saber a diferença entre sexo e gênero, pois o sexo é mais visto pelo meio biológico, enquanto gênero é algo do meio social, vindo das relações entre o sexo masculino e feminino. Preconceito de gênero são ideias prévias que promovem atitudes que desfavorecem, desqualificam, desautorizam e constroem as mulheres, como pessoas que tivessem menor importância social. O preconceito de gênero é um tema importante de ser abordado na escola, pois ele vem tomando o mundo de uma forma geral, dentro noticiários e até mesmo das redes sociais. Ele pode ser entendido como sexíssimo ou é utilizado muito comumente como um sinônimo para machismo, que seria algo que de certa forma venha a privilegiar um sexo, gênero ou até mesmo uma orientação sexual. E é percebido que esse preconceito pode ser praticado não só pelos homens mas também pelas próprias mulheres. Falar, que as mulheres são mais aptas para atividades do lar e da cozinha é uma forma clara de preconceito de gênero (JESUS, 2012).

3.3 Futebol Feminino e o Preconceito de Gênero na Escola

No entanto, ainda é um esporte voltado para os meninos na escola, porém não restam dúvidas de que as meninas já tiveram um avanço relacionado a década passada, ganhando um pouco mais de espaço, mas isso não é afirmar que os meninos e meninas tenham as mesmas oportunidades dentro das aulas e a não existência de preconceito (GOELLNER, 2005).

Muitas vezes os próprios professores tem um certo preconceito, e com isso uma dificuldade de determinar novos conteúdos que ajudem a gerar mesmas oportunidades entre os meninos e as meninas. E o professor é realmente aquele que deve ser o agente de mudança dentro da escola para que todas essas questões sejam colocadas em debates dentro das aulas, pois a sua opinião é algo muito forte para os alunos, pois os professores podem influenciar as crianças de forma positiva, portanto ele deve demonstrar condições mais igualitárias e justas para os alunos

para que eles possam lidar e vivenciar com vários tipos de cultura corporal, para que assim consigam trabalhar com as diferenças e debatendo e interpretando com as aulas (VIANA, 2008).

Um dos motivos que mais dificultou a ampliação do futebol feminino no nosso país foi exatamente todo esse preconceito quanto ao gênero, que era ainda mais forte do que é hoje no século passado, que na época para deixar as mulheres longe da prática não só do futebol, mas de outros esportes foi usado como principal argumento o de caráter biológico. Nas escolas não poderia ser diferente, o preconceito sempre muito presente desde o início, onde as crianças do sexo masculino tinham normalmente como principal conteúdo o futebol, mas já para as meninas eram geralmente apresentadas brincadeiras e jogos como queimada, pique bandeirinha, e dentro todos os esportes eram oferecidos principalmente o voleibol (D'ÁVILA, 2009).

Hoje as coisas mudaram um pouco, pois com o tempo as mulheres foram tendo maior acesso aos esportes no geral, e mais força na mídia, onde as meninas puderam criar um maior interesse pela prática do futebol, e agora ele vem sendo o segundo esporte mais escolhido pelas meninas, no momento das aulas de educação física escolar, mas infelizmente ainda sabemos que o espaço dos esportes ainda é de forma predominante ocupada pelo gênero masculino (MENDES, 2004).

A Educação Física escolar vai ter o objetivo de ajudar no desenvolvimento do cidadão, o que sugere pôr-se de modo contrário a valores e práticas sociais que faltem com o respeito a decência do ser humano. Quanto ao gênero a função do professor da escola é algo ainda mais complicado, pois ele deve analisar as propriedades do conjunto pedagógico decidir por juntar ou separar os meninos e meninas (DARIDO, 2002).

É percebido que não é o ato de passar o futebol na escola que está de forma errônea, mas sim o modo como ele é dado, por meio dos professores. E se sempre a técnica a tática forem colocados como o mais importantes dentro da aula, o público feminino, sempre terá menos interesse, e logo uma participação pequena. Desde a infância as crianças não são estimuladas ao esporte, pois normalmente é dada poucas opções a elas, e geralmente são opções que não envolvem muita destreza, força ou habilidade, então desde cedo elas não são acostumadas com

jogos com bola, e com isso faz como que seja mais difícil elas despertarem interesse nos esportes, toda essa falta de estímulo muitas vezes às tornam menos ábeis para certos esportes, portanto elas não são excluídas apenas por uma questão de gênero, mas também pela visão da sociedade de serem mais fracas e inábeis (VIANA, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devido a análise dos estudos é percebido que desde o princípio a área esportiva é destinada ao homem, em uma época onde mulheres não tinham voz, e não poderiam praticar esportes, pois diferentes estudos apresentam seu surgimento, mas nenhuma citando o sexo feminino.

Vimos que o futebol feminino teve início muitos anos depois do masculino, e com muito menos incentivo. No Brasil, os homens eram vistos como heróis, já as mulheres eram vistas como atrações de curiosidade, com o decreto presidencial para que mulheres não pudessem mais praticar atividades físicas com a desculpa que era algo que as masculinizariam. É de fácil percepção que com o tempo a modalidade feminina foi crescendo, mas que até hoje não há o mesmo respeito, nem a mesma valorização, sendo visto que homens ainda ganham muito melhor que as mulheres dentro desse esporte, e que não há a mesma divulgação.

O preconceito é algo extremo dentro da modalidade do futebol, onde grande parte das mulheres ainda sofrem muito por decidir pratica-lo. Muitas pessoas veem como um esporte masculinizado. Na escola, o preconceito de gênero continua, pois todo esse desrespeito muitas vezes é passado dos pais para os filhos, onde desde o início uma menina ganha uma boneca e um menino uma bola, pois para os pais bola é coisa de menino e não de menina. Então quando eles chegam aos anos de escolarização acontece muito do professor que deveria ser quem tem que mudar isso da cabeça dos meninos, dar uma bola de vôlei para as meninas e uma de futebol para os meninos, separando eles por gênero porque futebol seria coisa para homem, e vôlei algo um pouco mais feminino.

Hoje houve algumas mudanças dentro da educação física escolar, os professores têm tido mais essa noção de que eles são o fator de mudança, dessas raízes históricas e culturais. Agora as meninas têm tido essa vivência motora, e

gostado, portanto as meninas têm ganhado um pouco mais de espaço dentro das quadras. Ainda não é igual, mas já tivemos muitas mudanças, pois esse preconceito quanto gênero, onde é visto que mulheres são frágeis para o esporte ainda existe, mas com menos força.

REFERÊNCIAS

- D'ÁVILLA, L., B.; JÚNIOR, O., M., S. **Futebol feminino e sexualidade**. Revista das Faculdades Integradas Claretianas, n.2, 2009.
- DAMO, A., S. **A magia da seleção**. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 28, n. 1, p. 73-90, 2006.
- DARIDO, C., S. **Futebol feminino no brasil: do seu início à prática pedagógica**. Motriz, Rio Claro – SP, v. 1, n. 1, p. 53-57, 2002.
- DARIDO, S. C.; RANGEL-BETTI, I. C.; RAMOS, G. N. S.; GALVÃO, Z.; FERREIRA, L. A.; MOTA E SILVA, E. V.; RODRIGUES, L. H.; SANCHES NETO, L.; PONTES, G.; CUNHA, F. A. **Educação física, a formação do cidadão e os parâmetros curriculares nacionais**. Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, v.15, n.1, p.17-32, 2001.
- FILHO, A., L. **A educação do corpo em ambientes educacionais**. Revista Pensar a Prática, v. 8, n. 2, 2005.
- GOELLNER, S., V. **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades**. Rev. Educ. Fís. Esp., São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, 2005.
- GONZALEZ, N., M.; PEDROSO, C., A., M., Q. **Esporte como conteúdo da Educação Física: a ação pedagógica do professor**. Revista Digital, Buenos Aires, v.15, n.166, 2012.
- JESUS, R., M., B. **revisando concepções: as interfaces entre gênero, sexualidade e a escola**. Revista Temas em Educação, João Pessoa, v.20/21, n.1/2, p. 48-66, 2011/2012.
- JÚNIOR, P. **Quando as questões de gênero, sexualidades, masculinidades e raça interrogam as práticas curriculares: um olhar sobre o processo de co/construção das identidades no cotidiano escolar**. 2014. 252. Tese (Doutorado) - FACULDADE DE EDUCAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro, 2014.
- LESSA, P. **Mulheres, corpo e esportes em uma perspectiva feminista**. Motrivivência ano xvii, nº 24, p. 157-172, 2005.
- MÁXIMO, J. **Memórias do futebol brasileiro**. Estud. av. São Paulo, v.13 n.37, 1999.
- MENDES, A. **Aspectos da identidade de gênero feminina na prática do futsal**. 2004. 101. Monografia (Graduação) – Curso de Psicologia, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2004.

OLIVEIRA, E., M. **O contrato de trabalho do atleta profissional de futebol: aspectos gerais.** 2008. 82. Monografia (Graduação) – Curso de Direito, UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA, Tubarão, 2008.

SALVINI, L.; JÚNIOR, W., M. **Uma história do futebol feminino nas páginas da Revista Placar entre os anos de 1980-1990.** Movimento, Porto Alegre, v. 19, n. 01, p. 95-115, 2013.

VIANA, S., E., A. **Futebol: das questões de gênero à prática pedagógica.** Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 6, ed. especial, p. 640-648, 2008.

ANEXO A



Faculdade de Ciências da Educação e Saúde | FACES
Curso de Educação Física

CARTA DE ACEITE DO ORIENTADOR

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO - TCC

Declaração de aceite do orientador

Eu, ARTHUR JOSÉ MEDEIROS DE ALMEIDA , declaro aceitar orientar o(a)
discente LUANA RIBEIRO DE ALMEIDA DALLA CORTE no Trabalho de Conclusão do
Curso de Educação Física do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Brasília, 22 de FEVEREIRO de 2017.



ASSINATURA

SEPN 707/907 - Campus do UniCEUB, Bloco 9 - 70790-075 - Brasília-DF – Fone: (61) 3966-1469
www.uniceub.br – ed.fisica@uniceub.br



Na fabricação de papel reciclado, a quantidade de água equivale apenas a 2% da utilizada para a produção de papel alvejado.

ANEXO B



Faculdade de Ciências da Educação e Saúde | FACES
Curso de Educação Física

CARTA DE DECLARAÇÃO DE AUTORIA

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO - TCC

Declaração de Autoria

Eu, LUANA RIBEIRO DE ALMEIDA DALLA CORTE, declaro ser o (a) autor(a) de todo o conteúdo apresentado no trabalho de conclusão do curso de Educação Física do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB. Declaro, ainda, não ter plagiado a ideia e/ou os escritos de outro(s) autor(es) sob a pena de ser desligado(a) desta disciplina uma vez que plágio configura-se atitude ilegal na realização deste trabalho.

Brasília, 12 de Junho de 2017.

Orientando

SEPN 707/907 - Campus do UniCEUB, Bloco 9 - 70790-075 - Brasília-DF - Fone: (61) 3966-1469

www.uniceub.br - ed.fisica@uniceub.br



Na fabricação de papel reciclado, a quantidade de água equivale apenas a 2% da utilizada para a produção de papel alvejado

ANEXO C



Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES
Curso de Educação Física

FICHA DE AUTORIZAÇÃO DE APRESENTAÇÃO DE TCC

Eu, ARTHUR JOSÉ MEDEIROS DE ALMEIDA venho por meio desta, como orientador do trabalho de Conclusão de Curso: O FUTEBOL FEMININO E O PRECONCEITO QUANTO AO GÊNERO NO CONTEXTO ESCOLAR autorizar sua apresentação no dia 12/06 do presente ano.

Sem mais a acrescentar,



Professor Orientador

SEPN 707/907 - Campus do UniCEUB, Bloco 9 - 70790-075 - Brasília-DF - Fone: (61) 3966-1469

www.uniceub.br - ed.fisica@uniceub.br



Na fabricação de papel reciclado, a quantidade de água equivalente apenas a 2% da utilizada para a produção de papel virgem.

ANEXO D



Faculdade de Ciências da Educação e Saúde | FACES
Curso de Educação Física

**FICHA DE RESPONSABILIDADE DE
APRESENTAÇÃO DE TCC**

Eu, LUANA RIBEIRO DE ALMEIDA DALLA CORTE
RA:21450413 me responsabilizo pela apresentação do
TCC intitulado
O FUTEBOL FEMININO E O PRECONCEITO QUANTO
AO GÊNERO NO CONTEXTO ESCOLAR
no dia *12/06* do presente ano, eximindo qualquer
responsabilidade por parte do orientador.

ASSINATURA

SEPN 707/907 - Campus do UniCEUB, Bloco 9 - 70790-075 - Brasília-DF - Fone: (61) 3966-1469

www.uniceub.br - ed.fisica@uniceub.br



Na fabricação de papel reciclado, a quantidade de água equivale apenas a 2% da utilizada para a produção de papel alvejado.

ANEXO E



Faculdade de Ciências da Educação e Saúde | FACES
Curso de Educação Física

**FICHA DE AUTORIZAÇÃO DE ENTREGA DA VERSÃO FINAL DE
TCC**

Eu, LUANA RIBEIRO DE ALMEIDA DALLA CORTE

venho por meio desta, como orientador do trabalho de Conclusão de Curso: O FUTEBOL FEMININO E O PRECONCEITO QUANTO AO GÊNERO NO CONTEXTO ESCOLAR autorizar a entrega da versão final no dia 24/06 do presente ano.

Sem mais a acrescentar,

Professor Orientador



ANEXO F



Faculdade de Ciências da Educação e Saúde | FACES
Curso de Educação Física

AUTORIZAÇÃO

Eu, LUANA RIBEIRO DE ALMEIDA DALLA CORTE RA_21450413, aluno (a) do Curso de EDUCAÇÃO FÍSICA do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, autor(a) do artigo do trabalho de conclusão de curso intitulado O FUTEBOL FEMININO E O PRECONCEITO QUANTO AO GÊNERO NO CONTEXTO ESCOLAR, autorizo expressamente a Biblioteca Reitor João Herculino utilizar sem fins lucrativos e autorizo o professor orientador a publicar e designar o autor principal e os colaboradores em revistas científicas classificadas no Qualis Periódicos – CNPQ.

Brasília, 12 de junho de 2017.

Assinatura do Aluno

